



**BRUNA APARECIDA DOS SANTOS SILVA
JUCIARA MARIA DA SILVA
MARIA EDUARDA PRADO DE OLIVEIRA**

**TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS: O papel do enfermeiro frente ao processo de
doação de órgãos.**

São José dos Campos, SP
2025

**BRUNA APARECIDA DOS SANTOS SILVA
JUCIARA MARIA DA SILVA
MARIA EDUARDA PRADO DE OLIVEIRA**

**TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS: O papel do enfermeiro frente ao processo de
doação de órgãos.**

Monografia apresentada como
requisito de aprovação para
obtenção do Título de Bacharel em
Enfermagem.

Orientador: Prof. Ms. Gabrielle
Meriche Galvão Bento da Silva
Guatura.

São José dos Campos, SP

2025

**BRUNA APARECIDA DOS SANTOS SILVA
JUCIARA MARIA DA SILVA
MARIA EDUARDA PRADO DE OLIVEIRA**

**TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS: O papel do enfermeiro frente ao processo de
doação de órgãos.**

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade Santo Antonio, como requisito de aprovação para obtenção do Título de Bacharel em Enfermagem
Orientador: Prof. Ms. Gabrielle Meriche Galvão Bento da Silva Guatura.

São José dos Campos, 13 de Junho de 2025.

Avaliação/nota:

BANCA EXAMINADORA

_____	Nome da instituição
Titulação e Nome	
_____	Nome da instituição
Titulação e Nome	
_____	Nome da instituição
Titulação e Nome	

*Dedicamos este trabalho ao nosso trio de
amigas, em especial a Bruna, pela força de
mesmo diante de toda dor, não desistir.*
CONSEGUIMOS, BRU!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaríamos de agradecer a Deus, pela vida, saúde, sabedoria, paciência, força, determinação e coragem para superar todos os desafios e chegar até o presente dia.

As nossas famílias, principalmente aos nossos pais, Donaldo e Adriana, – pais da Bruna – José Simão e Silvia, – pais da Juciara – João Henrique e Dileusa, pais da Maria Eduarda – sem vocês, esse sonho não se tornaria realidade, nós não estaríamos aqui, agradecemos todo apoio, incentivo, amor, carinho, compreensão, paciência e investimento em nós, esse mérito também é de vocês.

Eu, Bruna, quero agradecer ao meu marido Maycon que sempre me incentivou e me deu forças pra continuar, sem você eu teria desistido agora nesse final. E as minhas filhas, Eloísa e Helena, que mudaram minha forma de ver a enfermagem.

Eu, Juciara, quero agradecer com todo meu amor e carinho ao meu esposo Alex, por ser meu porto seguro em todos os momentos. Pela paciência, incentivo e apoio incondicional durante toda essa caminhada. Obrigada por acreditar em mim mesmo quando eu duvidei, por me acolher nos dias difíceis e celebrar comigo cada conquista. Sua presença tornou esse sonho possível.

Eu, Maria Eduarda, agradeço a minha irmã Ana Julia, que muitas vezes se deixou buscar mais tarde na escola, para que o papai pudesse me levar na faculdade primeiro, esse diploma também é seu! Agradeço também aos meus amigos, que sem saberem, me ajudaram a chegar aqui.

A todos os professores que passaram pela nossa graduação e contribuíram significativamente para nosso crescimento profissional, em especial a professora Claudia Ebner e a Ana Celi, e a professora/orientadora Gabrielle.

A nossa Coordenadora Ana Paula, por sua generosidade, ensinamentos, dedicação, paciência, incentivo, carinho e confiança em nós depositados.

Por fim agradeço a todos que de alguma forma, torceram pela nossa vitória. Pois bem, nós vencemos!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar o papel do enfermeiro frente ao processo de doação de órgãos, com ênfase na atuação profissional diante do diagnóstico de morte encefálica. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, desenvolvida por meio da análise de artigos científicos obtidos nas bases Cofen, Biblioteca Virtual em Saúde, SciELO e Jornal Brasileiro de Transplante. Foram aplicados critérios de inclusão e exclusão, e utilizados descritores como “Enfermagem”, “Doação de Órgãos”, “Morte Encefálica” e “Cuidados de Enfermagem”. Os resultados evidenciam que o enfermeiro possui papel essencial em todas as etapas do processo de doação, desde a identificação do potencial doador até a manutenção hemodinâmica e o acolhimento à família, atuando como elo entre a equipe de saúde e os familiares. Conclui-se que, embora o enfermeiro esteja cada vez mais inserido nesse processo, ainda enfrenta desafios relacionados à falta de capacitação, apoio emocional e infraestrutura adequada.

Palavras-chave: Enfermagem. Doação de órgãos. Morte encefálica. Cuidados de enfermagem.

ABSTRACT

This Final Paper aims to analyze the nurse's role in the organ donation process, with an emphasis on professional performance in the context of brain death diagnosis. This is a qualitative, bibliographic study developed through the analysis of scientific articles obtained from databases such as Cofen, Virtual Health Library (BVS), SciELO, and the Brazilian Journal of Transplantation. Inclusion and exclusion criteria were applied, and descriptors such as "Nursing," "Organ Donation," "Brain Death," and "Nursing Care" were used. The results show that the nurse plays a key role in all stages of the donation process, from identifying the potential donor to hemodynamic maintenance and family support, acting as a link between the healthcare team and the donor's relatives. It is concluded that, although nurses are increasingly involved in this process, they still face challenges related to lack of training, emotional support, and adequate infrastructure.

Keywords: Nursing. Organ donation. Brain death. Nursing care.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 OBJETIVOS

3 METODOLOGIA

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5 CONCLUSÃO

6 REFERÊNCIAS

1 INTRODUÇÃO

A doação e o transplante de órgãos e tecidos são práticas fundamentais para salvar vidas e proporcionar qualidade de vida a pacientes em estágio terminal de diversas doenças. Apesar dos avanços científicos e do crescimento das políticas públicas voltadas ao tema, esse processo ainda enfrenta desafios significativos no Brasil, como a escassez de doadores, a falta de informação da população e o despreparo de profissionais de saúde no acolhimento e manejo de situações críticas, como a morte encefálica (SILVA et al., 2020; BRASIL, 1997).

Para garantir a ética, a segurança e a legalidade na remoção e transplante de órgãos, o Brasil conta com um arcabouço legal que rege esses procedimentos. A principal legislação é a Lei nº 9.434/1997, que estabelece critérios rigorosos para a confirmação da morte encefálica, a autorização familiar e os procedimentos de captação e transplante (Brasil, 1997). Complementando essa norma, a Lei nº 14.722/2023 (conhecida como Lei Tatiane) institui a Política Nacional de Conscientização e Incentivo à Doação e ao Transplante de Órgãos e Tecidos, com o objetivo de promover educação, reduzir preconceitos e qualificar os profissionais envolvidos (Brasil, 2023). Mais recentemente, a Lei nº 14.858/2024 reforça a prioridade no transporte de órgãos e equipes envolvidas na captação, garantindo mais agilidade e segurança ao processo (Brasil, 2024).

No contexto hospitalar, o enfermeiro tem papel central nesse processo. Cabe a esse profissional não apenas realizar os cuidados clínicos com o potencial doador, mas também conduzir o protocolo de morte encefálica, acolher os familiares e atuar junto às Comissões Intra-Hospitalares de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplante (CIHDOTT), contribuindo diretamente para a efetividade das doações (SILVA et al., 2020; QUINTANILHA, 2019).

Diante da relevância desse tema, o presente trabalho tem como objetivo analisar na literatura o papel do enfermeiro frente ao processo de doação de órgãos, com ênfase na condução do protocolo de morte encefálica e no cuidado com o potencial doador.

Para isso, foi realizada uma revisão integrativa da literatura, utilizando como fontes as bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e SciELO, a partir dos descritores: doação de órgãos, morte encefálica, papel do enfermeiro, cuidados de enfermagem e transplante.

Esses estudos permitiram identificar as competências técnicas, éticas e emocionais exigidas do enfermeiro nesse cenário, reforçando a importância de sua capacitação e da sensibilização da sociedade para a ampliação do número de doadores no país.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender através da literatura o papel do enfermeiro no processo de doação de órgãos, desde a identificação do potencial doador até a efetivação da doação, considerando aspectos éticos, técnicos e legais.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar as principais atribuições do enfermeiro frente ao processo de doação de órgãos.

Descrever o papel do enfermeiro na manutenção do potencial doador e no cumprimento dos protocolos legais e éticos.

Analisar a atuação do enfermeiro na comunicação e na assistência à família durante o processo de doação.

3 METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, com o objetivo de analisar e compreender o papel do enfermeiro frente ao processo de doação de órgãos. A investigação foi realizada por meio da seleção e análise de artigos científicos disponíveis em bases de dados online, considerando publicações relevantes à temática.

As buscas foram realizadas nas seguintes plataformas: **Conselho Federal de Enfermagem (Cofen)**: 13 artigos encontrados, 6 selecionados, sendo 1 utilizado. **Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)**: 16 artigos encontrados, 8 selecionados, 3 utilizados. **Jornal Brasileiro de Transplante (JBT)**: 3 artigos encontrados, 3

selecionados, 1 utilizado. **Scientific Electronic Library Online (SciELO)**: 40 artigos encontrados, 7 selecionados, 4 utilizados.

A pesquisa foi realizada entre os meses de janeiro a maio de 2025. Foram adotados como critérios de inclusão: artigos publicados nos últimos 10 anos, disponíveis gratuitamente, em português, e que abordassem diretamente a atuação do enfermeiro na doação de órgãos, diagnóstico de morte encefálica e/ou cuidados com o potencial doador.

Como critérios de exclusão, foram considerados: artigos repetidos entre as bases, textos incompletos, publicações sem relação direta com o tema e fora do recorte temporal. Para a busca dos artigos, foram utilizados os seguintes descritores, com base nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): **“Enfermagem”, “Doação de Órgãos”, “Transplante de Órgãos”, “Morte Encefálica”, “Cuidados de Enfermagem”, “Atuação do Enfermeiro”**. A combinação dos descritores foi realizada por meio de operadores booleanos (AND e OR), a fim de refinar e ampliar os resultados.

O processo de análise dos artigos selecionados seguiu uma leitura exploratória, seletiva e interpretativa, com ênfase nos conteúdos que abordam a atuação prática do enfermeiro, os desafios enfrentados e as estratégias utilizadas no contexto da doação de órgãos.

A questão norteadora desse trabalho foi: Qual o papel do enfermeiro no processo de doação de órgãos diante do diagnóstico de morte encefálica e quais os principais desafios enfrentados nessa atuação?

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionados quatro artigos principais para embasar a discussão do tema abordado, com esses dados foi elaborada uma tabela para estruturar os trabalhos mais relevantes para a elaboração da revisão bibliográfica, esses artigos foram organizados por título, nome dos autores, objetivo, metodologia, resultados e conclusão. Os dados foram dispostos na tabela 1.

Tabela 1: Artigos selecionados para basear a pesquisa bibliográfica, tabela elaborada pelos autores.

Título	Autores	Objetivo	Metodologia	Resultados	Conclusão
Prática do enfermeiro na Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes (CIHDOTT)	Estevão FQOL, Firmino F	Identificar as ações desenvolvidas pelo enfermeiro na CIHDOTT; e discutir os desafios que este profissional que este profissional encontra no seu dia a dia nesta comissão	Pesquisa qualitativa descritiva com enfermeiros da CIHDOTT do Hospital Federal de Bonsucesso, utilizando entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo.	O descaso por parte de alguns profissionais também se faz um grande desafio à atuação das mesmas. No entanto, vale ressaltar que a assistência de enfermagem é fundamental para a manutenção do doador e da qualidade dos órgãos a serem doados.	A pesquisa destaca a importância do enfermeiro na CIHDOTT, atuando em várias etapas da captação de órgãos e enfrentando desafios como falta de reconhecimento. É necessário produzir conhecimento para otimizar a prática e reconhecimento profissional.
A vivência do enfermeiro no processo de doação de órgãos em morte encefálica: dificuldades e desafio	Oliveira ER, Fernandes SCC	Identificar a vivência do enfermeiro no processo de doação de órgãos em morte encefálica	O estudo é uma revisão de literatura que buscou artigos relevantes sobre morte encefálica e enfermagem nas bases de dados PubMed e SciELO, entre 2005 e 2015. Foram selecionados 25 estudos que atenderam aos critérios de inclusão, após uma análise rigorosa dos artigos.	Foram utilizados 25 artigos, incluindo estudos epidemiológicos, experimentais e revisões bibliográficas, com maioria de autores enfermeiros. A maioria das pesquisas foi realizada na região Sudeste do Brasil, com predomínio de estudos práticos em hospitais e universidades. Além disso, foram incluídos estudos de outros países, como Reino Unido, Qatar e Irã.	A doação de órgãos é um processo complexo que exige conhecimento técnico e apoio emocional aos familiares, especialmente por parte dos enfermeiros.

<p>Atuação do enfermeiro no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante</p>	<p>Batista ACR, Silva Júnior OL, Canova JCM</p>	<p>Descrever a atuação do enfermeiro no processo de doação e captação de órgãos.</p>	<p>Pesquisa exploratória e bibliográfica sobre a atuação do enfermeiro na doação e captação de órgãos, analisando artigos nacionais em português de 2000 a 2010.</p>	<p>Dos 17 artigos analisados, a maioria (76%) foi escrita por enfermeiros, mostrando sua atuação e capacidade nos transplantes no Brasil. As publicações foram feitas em diferentes periódicos, com destaque para a Revista Latino-Americana de Enfermagem e Revista Brasileira de Enfermagem.</p>	<p>O estudo concluiu que o enfermeiro tem um papel fundamental nos transplantes de órgãos no Brasil, com atividades privativas de planejamento, execução e supervisão. Embora sua atuação esteja expandindo, ainda há necessidade de mais publicações científicas sobre o tema.</p>
<p>O papel do enfermeiro na manutenção do potencial doador de órgãos</p>	<p>Martini M, Fernandes MFO, Martins SA</p>	<p>Apresentar as alterações fisiopatológicas e os sinais clínicos da morte encefálica e descrever a atuação do enfermeiro para a manutenção de um potencial doador de órgãos.</p>	<p>O estudo foi baseado em pesquisa bibliográfica utilizando diversas fontes, incluindo livros, sites, revistas científicas e bancos de dados como Scielo, Lilacs e Medline, além de documentos eletrônicos e materiais publicados nos últimos dez anos.</p>	<p>A morte encefálica é uma síndrome complexa que afeta os órgãos dos potenciais doadores. O conhecimento da fisiopatologia é crucial para a atuação eficiente da equipe de saúde, especialmente do enfermeiro, na identificação e manutenção do potencial doador, contribuindo para o aumento de órgãos captados e redução de disfunções nos transplantes.</p>	<p>O estudo destacou a importância do enfermeiro na identificação e manutenção do potencial doador de órgãos, além da necessidade de conhecimento técnico-científico sobre as alterações fisiopatológicas resultantes da morte encefálica para uma prática assistencial eficaz.</p>

A análise dos estudos selecionados permitiu identificar diferentes perspectivas acerca da atuação do enfermeiro no processo de doação de órgãos e tecidos, abordando desde a prática nas comissões intra-hospitalares, até a manutenção do potencial doador e os desafios ético-assistenciais enfrentados no contexto da morte encefálica.

O estudo de Estevão e Firmino abordou a prática do enfermeiro na Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes (CIHDOTT), evidenciando que esse profissional está diretamente envolvido em diversas etapas do processo de captação. A pesquisa destacou que, apesar da importância da assistência de enfermagem para a manutenção do doador e da qualidade dos órgãos, ainda existem obstáculos significativos, como o descaso por parte de alguns profissionais e a falta de reconhecimento institucional. A atuação do enfermeiro é apontada como essencial, especialmente diante dos desafios enfrentados no cotidiano da comissão, como a escassez de valorização profissional e a necessidade de maior produção de conhecimento para otimizar as práticas assistenciais.

Oliveira e Fernandes realizaram uma revisão de literatura com foco na vivência do enfermeiro frente à doação de órgãos em casos de morte encefálica. O estudo evidenciou que a doação, nesse contexto, é um processo complexo, permeado por dificuldades técnicas, éticas e emocionais. O enfermeiro tem papel fundamental tanto na identificação precoce da morte encefálica quanto no suporte à família, sendo a comunicação empática um fator decisivo para a aceitação da doação. A pesquisa também destacou que o preparo técnico e emocional do enfermeiro é indispensável para garantir uma atuação segura, ética e humanizada, respeitando os princípios da bioética e contribuindo para o sucesso do processo.

A pesquisa de Batista, Silva Júnior e Canova abordou a atuação do enfermeiro no processo de doação e captação de órgãos a partir de uma análise da produção científica nacional. Os autores observaram que a maior parte dos estudos publicados sobre o tema (76%) é de autoria de enfermeiros, o que confirma o protagonismo da categoria na área dos transplantes. No entanto, também foi identificado que, apesar desse protagonismo, a atuação do enfermeiro ainda carece de maior visibilidade, planejamento e supervisão, especialmente nas instituições privadas. Os autores reforçam a importância de ampliar as publicações científicas sobre o tema, como forma de fortalecer a atuação profissional e consolidar o papel da enfermagem no sistema de captação de órgãos. O artigo utilizado não atingiu nossos critérios de inclusão.

Por fim, o estudo de Martini, Fernandes e Martins trouxe um enfoque específico sobre a atuação do enfermeiro na manutenção do potencial doador de órgãos, com destaque para os aspectos fisiopatológicos da morte encefálica. A pesquisa mostrou que o conhecimento técnico-científico sobre as alterações causadas por essa

condição é fundamental para uma atuação eficaz. O enfermeiro precisa estar preparado para agir de forma precisa na estabilização clínica do doador, garantindo a viabilidade dos órgãos e reduzindo complicações que possam comprometer os transplantes. O estudo reforça que essa etapa exige não apenas habilidades técnicas, mas também um olhar atento à complexidade do processo, sendo o enfermeiro peça-chave para o sucesso da captação.

O processo de doação de órgãos e tecidos configura-se como uma prática de extrema relevância social, técnica e ética, exigindo uma atuação profissional que transcende os limites da assistência convencional. Neste cenário, o enfermeiro ocupa um papel estratégico, tanto pela sua presença constante junto ao paciente crítico quanto pela sua capacidade de articular saberes técnicos, científicos, éticos e comunicacionais, que são fundamentais para viabilizar o processo de doação de forma segura e humanizada (ESTEVÃO; FIRMINO, 2018). Essa referência, ao destacar a multifuncionalidade da enfermagem nesse contexto, evidencia que a atuação do enfermeiro não se restringe apenas ao cuidado clínico, mas também envolve um complexo gerenciamento de informações e práticas que garantem a efetividade e a humanização da doação.

A atuação do enfermeiro inicia-se com a identificação precoce do potencial doador, especialmente nas unidades de terapia intensiva (UTI), onde a vigilância contínua é essencial. Conforme salientam Estevão e Firmino (2018), “o enfermeiro é o profissional que, pela sua assistência contínua, tem maior condição de identificar alterações clínicas que sugerem morte encefálica, acelerando, assim, o início dos protocolos diagnósticos”.

A precisão dessa observação ressalta a posição privilegiada do enfermeiro no ambiente hospitalar, cuja proximidade com o paciente possibilita o reconhecimento precoce de sinais clínicos críticos. Essa capacidade é corroborada por Moraes et al. (2013), que ampliam o enfoque ao enfatizar a necessidade do enfermeiro compreender os critérios técnicos e legais que norteiam o diagnóstico de morte encefálica (ME), demonstrando que sua atuação requer não só percepção clínica, mas também sólida fundamentação teórica e normativa. Artigo esse que não atingiu os nossos critérios de inclusão.

O processo de diagnóstico de ME no Brasil segue critérios estabelecidos pelo Conselho Federal de Medicina e depende da realização de exames clínicos específicos, com intervalo mínimo entre eles, além de exames complementares

quando necessário. O enfermeiro, dentro de suas atribuições, deve conhecer profundamente esses critérios para auxiliar a equipe médica e garantir que os protocolos sejam seguidos de forma rigorosa (OLIVEIRA; FERNANDES, 2019). A importância desse conhecimento, destacada por Oliveira e Fernandes, não se restringe ao âmbito técnico, mas reflete também uma preocupação com a segurança jurídica e ética do processo, tema aprofundado por Leite et al. (2022), que enfatizam que eventuais falhas no cumprimento desses critérios podem comprometer a doação e fragilizar a confiança dos familiares e da sociedade no sistema de transplantes. Assim, esses autores sublinham a interdependência entre rigor técnico e legitimidade social, colocando o enfermeiro como guardião desse equilíbrio. O artigo citado que corrobora com o tema, mas não atingiu nossos critérios de inclusão.

Além disso, o enfermeiro tem papel central na manutenção do potencial doador. A literatura destaca que, após a confirmação da morte encefálica, o corpo humano entra em um processo acelerado de deterioração fisiológica, o que pode inviabilizar a captação dos órgãos se não houver intervenção adequada. Leite et al. (2022) afirmam que “a manutenção hemodinâmica, o controle rigoroso de eletrólitos, temperatura, pressão arterial, oxigenação e outras funções vitais é essencial para garantir a viabilidade dos órgãos”.

Essa assertiva demonstra que o cuidado técnico do enfermeiro deve ser meticuloso e contínuo, reforçando o seu papel como responsável direto pela preservação da qualidade dos órgãos ofertados. Estevão e Firmino (2018) complementam que “a atuação do enfermeiro na manutenção do potencial doador reflete diretamente na qualidade dos órgãos ofertados, reduzindo perdas e ampliando as possibilidades de sucesso dos transplantes”, o que mostra a relevância do papel do enfermeiro não apenas na manutenção biológica, mas como fator determinante no êxito do processo transplantológico.

A Resolução COFEN nº 292/2004 normatiza e respalda legalmente essa atuação, atribuindo ao enfermeiro responsabilidades que incluem: reconhecer o potencial doador, participar da manutenção clínica, comunicar-se com os familiares, além de integrar a equipe da Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplante (CIHDOTT) (CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM, 2004). A normatização da atuação do enfermeiro, ao conferir respaldo institucional e legal, consolida a importância do profissional no contexto da doação de órgãos e tecidos. Nesse sentido, a presença do enfermeiro na CIHDOTT é considerada

indispensável para garantir a continuidade do processo, sendo este profissional frequentemente responsável por intermediar o fluxo de informações entre a equipe médica, a família e os órgãos de regulação, como as centrais estaduais de transplantes (ESTEVÃO; FIRMINO, 2018). Tal função integradora demonstra o caráter multifuncional do enfermeiro, que atua como elo e comunicação entre diferentes atores, o que é fundamental para a fluidez e transparência do processo.

Adicionalmente, é relevante destacar que o enfrentamento de barreiras emocionais e culturais por parte dos familiares constitui um dos maiores desafios do processo de doação. Oliveira e Fernandes (2019) apontam que “o enfermeiro, por ser um dos primeiros profissionais a ter contato com os familiares após a constatação da morte encefálica, desempenha um papel fundamental no acolhimento, escuta ativa e suporte emocional”.

Essa observação evidencia que o papel do enfermeiro ultrapassa o âmbito puramente técnico, incorporando dimensões psicossociais e humanas, essenciais para lidar com o luto súbito e as resistências culturais e emocionais que permeiam a decisão familiar. De fato, o suporte emocional ofertado pelo enfermeiro pode ser decisivo para o engajamento e para a autorização da doação.

De acordo com Moraes et al. (2013), “a comunicação efetiva, empática e clara é determinante para que a família compreenda a situação e tome uma decisão consciente sobre a doação”.

Essa citação reforça a necessidade de uma qualificação que transcenda o conhecimento técnico, demandando do enfermeiro competências comunicacionais, éticas e culturais para que a interlocução com os familiares seja conduzida com sensibilidade e assertividade, reduzindo assim as recusas baseadas em incompreensão ou medo.

Outro aspecto fundamental abordado por Leite et al. (2022) é que a qualificação profissional contínua do enfermeiro é fator determinante para o sucesso da doação de órgãos. “A falta de conhecimento sobre os protocolos, a legislação vigente e as práticas assistenciais comprometem não apenas o processo, mas também a qualidade dos órgãos ofertados”, afirmam os autores. Essa análise destaca que a formação permanente do enfermeiro não pode ser vista como mera recomendação, mas como imperativo para garantir a excelência e a segurança do processo, valorizando o investimento institucional em capacitação. Esse artigo citado corroborou com o tema neste aspecto, mas não atingiu nossos critérios de inclusão.

É igualmente importante considerar que a atuação do enfermeiro na doação de órgãos não se limita ao ambiente hospitalar. Este profissional também desempenha papel educativo na sociedade, promovendo campanhas, esclarecendo dúvidas e contribuindo para a construção de uma cultura de doação. Estevão e Firmino (2018) destacam que “a atuação do enfermeiro ultrapassa os muros hospitalares, sendo agente de transformação social no que se refere à conscientização sobre a doação de órgãos e tecidos”.

Essa dimensão social evidencia a relevância da enfermagem como agente de mudança cultural, fortalecendo a base social necessária para o aumento dos índices de doação.

Do ponto de vista bioético, o enfermeiro deve assegurar que todo o processo respeite os princípios da autonomia, beneficência, não maleficência e justiça. Isso inclui garantir que a decisão da família seja voluntária, livre de coerções e baseada em informações claras e precisas (OLIVEIRA; FERNANDES, 2019). Dessa forma, a humanização do cuidado não é apenas um princípio ético, mas também uma estratégia que impacta diretamente na aceitação da doação, consolidando o papel do enfermeiro como defensor dos direitos e da dignidade dos doadores e seus familiares.

Diante de todo o exposto, torna-se evidente que a atuação do enfermeiro no processo de doação de órgãos e tecidos é multifacetada, exigindo não apenas habilidades técnicas, mas também competências comunicacionais, ético-legais e psicossociais. Sua presença ativa e qualificada em todas as etapas do processo é decisiva tanto para a viabilização da doação quanto para a preservação dos direitos e da dignidade dos doadores e de seus familiares (MORAES et al., 2013; LEITE et al., 2022; OLIVEIRA; FERNANDES, 2019; ESTEVÃO; FIRMINO, 2018).

5 CONCLUSÃO

A atuação do enfermeiro no processo de doação de órgãos e tecidos é complexa e essencial, exigindo preparo técnico, sensibilidade ética e habilidades de comunicação. Desde a identificação precoce do potencial doador, especialmente em unidades de terapia intensiva, até a manutenção fisiológica e o apoio à família, o enfermeiro exerce um papel estratégico em todas as etapas desse processo. A identificação da morte encefálica é um momento crucial, e o enfermeiro precisa estar bem-preparado para reconhecer os sinais e seguir corretamente os critérios legais e

técnicos. Esse cuidado é fundamental para garantir a segurança e a credibilidade do processo de doação.

Além disso, o enfermeiro é responsável por manter a estabilidade clínica do doador, prevenindo complicações e preservando a qualidade dos órgãos. Essa responsabilidade exige conhecimentos específicos e práticas baseadas em protocolos bem definidos, que respaldam a atuação profissional.

Outro ponto importante é o acolhimento à família, que vive um momento de dor e dúvidas. A forma como o enfermeiro se comunica, com empatia e clareza, pode fazer toda a diferença para que a decisão pela doação seja tomada de forma consciente e respeitosa. A humanização do cuidado é, portanto, uma prioridade.

A formação contínua do enfermeiro também é essencial, tanto para aprimorar a assistência quanto para atuar como educador em campanhas de conscientização sobre a doação de órgãos. Dessa forma, o enfermeiro contribui não só dentro do hospital, mas também na promoção de uma cultura de doação na sociedade. Em resumo, o enfermeiro tem um papel central e integrador no processo de doação de órgãos e tecidos, sendo peça-chave para garantir a efetividade, a ética e a humanização desse ato. Por isso, é fundamental que haja investimento em capacitação e valorização dessa atuação, refletindo diretamente em melhorias para o sistema de transplantes e para a saúde pública.

6 REFERÊNCIAS

1 BRASIL. Lei nº 9.434, de 4 de fevereiro de 1997. **Dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento.** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 21 abr. 2025.

2 BRASIL. Lei nº 14.722, de 8 de novembro de 2023. **Altera dispositivos sobre o processo de doação de órgãos.** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 21 abr. 2025.

3 BRASIL. Lei nº 14.858, de 21 de maio de 2024. **Dispõe sobre medidas para aprimoramento do processo de doação de órgãos e tecidos.** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 21 abr. 2025.

4 CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Resolução nº 292, de 21 de setembro de 2004. **Dispõe sobre a atuação do enfermeiro na captação e transplante de órgãos e tecidos.** Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/resoluco-cofen-2922004/>. Acesso em: 25 abr. 2025.

5 ESTEVÃO, F. Q. O.; FIRMINO, F. A. A. A. **A prática do enfermeiro na Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes (CIHDOTT).** Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/hfb/flavia_quintanilha.pdf. Acesso em: 25 abr. 2025.

6 EVALDT, C. F. et al. **Competências do Enfermeiro na CIHDOTT.** 2022. Disponível em: <https://bjt.emnuvens.com.br/revista/article/view/464/495>. Acesso em: 25 abr. 2025.

7 LEITE, L.; OLIVEIRA, D. V.; ALMEIDA, C. G.; CONTINI, I. C. P. **O enfermeiro no processo de doação de órgãos: uma revisão integrativa.** Revista Saúde em Foco, v. 14, 2022. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2022/08/O-ENFERMEIRO-NO-PROCESSO-DE-DOA%C3%87%C3%83O-DE-%C3%93RG%C3%83OS-UMA-REVISAO-INTEGRATIVA.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2025.

8 MORAES, E. L.; SANTOS, M. J.; MERIGHI, M. A. B.; MASSAROLLO, M. C. K. B. **Vivência de enfermeiros no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante.** Texto & Contexto Enfermagem, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 227-234, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/h6dwGwD4V4MH3FtkKZZpy9L/>. Acesso em: 25 abr. 2025.

9 OLIVEIRA, E. R.; FERNANDES, S. C. C. **A vivência do enfermeiro no processo de doação de órgãos em morte encefálica: dificuldades e desafios.** Revista Tendências da Enfermagem Profissional, Fortaleza, v. 8, n. 3, p. 1960-1966, 2019. Disponível em: <https://www.coren-ce.org.br/wp-content/uploads/2019/03/A-VIV%C3%8ANCIA-DO-ENFERMEIRO-NO-PROCESSO-DE->

DOA%C3%87%C3%83O-DE-%C3%93RG%C3%83OS.pdf. Acesso em: 25 abr. 2025.

10 BATISTA, A. C. R.; SILVA JÚNIOR, O. L.; CANOVA, J. C. M. Atuação do enfermeiro no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante. *Jornal Brasileiro de Transplante*, 2012: 15(4): 1689-1714. Disponível em: <https://bjt.emnuvens.com.br/revista/article/download/189/176>. Acesso em: 21 abr. 2025.

11 MARTINI, M., FERNANDES, M.F.O., MARTINS, S.A., Guerino, S.R., NOGUEIRA, G.P. **O papel do enfermeiro na manutenção do potencial doador de órgãos.** *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, 2008. Ano IV: n.18: 34-48. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/346/164. Acesso em: 21 abr. 2025.

12 TOLFO, F. D. et al. **O papel do enfermeiro na CIHDOTT.** 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/KYrCSVQ3cqñCWMCXMS9zVwM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 abr. 2025.

13 WESTPHAL, G. A. et al. **Determinação da morte encefálica no Brasil.** 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbti/a/HRdDLTNGxg8NWxxvM4qWJ9d/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 abr. 2025.